

Resenha

WEINHARDT, Marilene (org.). *Ficção histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011. 226 p.

Maria de Fátima Alves de Oliveira Marcari¹

Ficção histórica: teoria e crítica reúne trabalhos desenvolvidos nas atividades do grupo de pesquisa registrado no CNPq sob o título “Estudos sobre ficção histórica no Brasil”, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná e liderado por Marilene Weinhardt, docente e pesquisadora da referida universidade. Os seis ensaios que constituem a obra abordam diversas obras literárias e variados aspectos das relações entre ficção e história, mas todos se equiparam no esforço de perceber a presença da história na ficção, por meio da análise de mecanismos do romance histórico tradicional ou contemporâneo e do tratamento imaginativo de episódios e processos históricos pela literatura. O pano de fundo é a fronteira porosa que separa as duas formas narrativas e o compartilhamento de métodos investigativos e de estratégias de escritura pela ficção e pela história.

“Romance histórico: das origens francesas ao Brasil finissecular”, ensaio da professora Marilene Weinhardt, organizadora do livro, apresenta o aporte teórico-crítico de seu projeto de pesquisa: “A ficção histórica brasileira no final do século XX”. Ao examinar paralelos e confluências entre o discurso histórico e a narrativa ficcional, a autora oferece um balanço historiográfico do debate. Em um segundo momento, acompanha a trajetória dos estudos sobre o romance histórico, discorrendo sobre os procedimentos herdados do século XIX e aqueles que comportam a atualização do subgênero, com destaque para o papel representado pela produção da América Latina no processo de renovação.

Inicialmente, o ensaio examina os paralelos pioneiros entre o discurso histórico e ficcional, que ocorreram a partir das últimas décadas do século XX, com destaque para os ensaios de Roland Barthes que, em 1967 - ou seja, anteriormente à difusão do ressurgimento da história narrativa, - mobilizou seu repertório de linguista e teórico da literatura para caracterizar o discurso histórico, além de levantar os mecanismos ideológicos e a presença do imaginário permeando a aparente ‘neutralidade’ do discurso histórico.

¹ Doutora, FCL-UNESP-Assis

No movimento de aproximação dos dois campos discursivos, a pesquisadora observa que os estudos literários tiveram algumas contribuições a oferecer à teoria da história. Não mais limitados aos seus pares tradicionais, como a filosofia e a sociologia, passaram a participar de um diálogo plural, com o cruzamento de vozes que vinham, sobretudo, da história. Esta, por sua vez, afasta-se dos ideais de ciência dura e reorienta-se para um repertório tão aberto que se permitiu denominações sugestivas como história do cotidiano, história das mentalidades, história das sensibilidades, dentre outras. Não se tratava de novos rótulos, mas de nova posição diante do saber, não mais fechada sobre si mesma, e sim interessada em apreender a essencialidade humana e o sentido da contemporaneidade.

Dentre os pensadores que analisam os pontos de contato entre literatura e história, Weinhardt destaca os estudos de Paul Ricoeur sobre narratividade e temporalidade. Nas suas pegadas, inscreve-se Benedito Nunes que, sem confundir as duas formas narrativas, subordina-as à temporalidade, identificando-as como similares enquanto formas simbólicas de pensamento. Na mesma linha de raciocínio inserem-se os estudos de Luiz Costa Lima, o qual afirma que a representação do historiador é um trabalho de organização e interpretação, enquanto o ficcionista cria “uma representação desestabilizadora do mundo [...], uma representação desestabilizante das representações” (COSTA LIMA, 1989, p.102). Na sequência, a pesquisadora discorre acerca da contribuição dos estudos de Costa Lima sobre as relações do relato com o real e as funções do imaginário, bem como sobre a tematização do tempo como traço essencial da narrativa histórica.

Falando sobre os teóricos que se ocuparam da especificidade terminológica, a autora examina o ensaio intitulado “Lógica das diferenças e política das semelhanças”, de Walter Mignolo, o qual analisa os procedimentos discursivos que a comunidade historiográfica e a literária têm como assentes, frisando que literatura e ficção não são termos equivalentes. De acordo com o teórico argentino, o discurso que segue as normas literárias pode enquadrar-se na convenção de ficcionalidade, embora esta não seja sua condição indispensável. Já no discurso historiográfico a submissão à convenção de veracidade é indispensável.

Após investigar os pontos de identidade e de distinção entre as duas formas discursivas, ainda percorrendo uma vasta bibliografia, Weinhardt traça um detalhado panorama acerca do surgimento e da afirmação da modalidade narrativa denominada romance histórico. O trabalho pioneiro de George Lukács, *O romance histórico*, datado de 1937, apenas recentemente traduzido ao português, é objeto de acurada resenha, uma vez que a obra ainda é considerada a mais detalhada sistematização sobre o romance histórico. Em suas considerações sobre os elementos que

caracterizam o romance histórico tradicional, elencados por Lukács, a autora enfatiza que a matéria do romance histórico é o passado, mas como tempo ainda vivo, sujeito a revisões, não comportando heróis clássicos como protótipos de perfeição, mas seres humanos com as limitações próprias de sua condição (WEINHARDT, 2011, p. 31).

Na sequência, a pesquisadora resenha alguns estudos iniciais sobre o romance histórico contemporâneo, publicados nas décadas de 70 e 80 do século XX, ressaltando o silêncio da crítica brasileira, situação que começa a mudar a partir dos anos noventa. Neste panorama, merecem destaque os estudos da portuguesa Maria de Fatima Marinho, que se dedica especialmente à ficção histórica portuguesa contemporânea, mas também analisa romances brasileiros de Érico Veríssimo e Márcio Souza. Outra importante pesquisadora europeia apontada por Weinhardt é a espanhola Celia Fernández Prieto, cuja obra *Historia y novela: poética de la novela histórica* (1998) revisita a bibliografia sobre o gênero, antes de se dedicar a traçar uma poética do romance histórico.

A abundância de títulos ficcionais que dialogam com a história provoca a consequente proliferação de estudos críticos no Brasil nas últimas décadas. Conforme observa a autora, são geralmente obras coletivas que reúnem trabalhos apresentados em eventos ou resultantes de grupos de pesquisa, mas sem propostas de tratamento mais demorado de uma perspectiva teórica. Dentre os pesquisadores brasileiros, o ensaio destaca o professor Antônio Esteves como um dos nomes que vem se dedicando com mais constância ao estudo do romance histórico contemporâneo. Alcmemo Bastos é outro importante pesquisador mencionado, cuja obra *Introdução ao romance histórico*, publicada em 2007, resenha as investigações teóricas sobre esta forma narrativa. Nesse contexto, deve-se ressaltar que a própria Marilene Weinhardt, ocupa um papel de destaque, pois além do ensaio aqui resenhado, ela vem se dedicando à questão há mais de duas décadas, tendo escrito sobre o tema vários textos fundamentais, entre livros, artigos e capítulos de livros.

Ainda no âmbito dos estudos latino-americanos, Weinhardt discorre sobre os ensaios do argentino Noé Jtrik publicados nas décadas de 80 e 90 do século XX, os quais estabelecem um “proto-momento” da ficção histórica latino-americana, situando seus antecedentes no teatro isabelino, no enciclopedismo francês e no “Século de ouro” espanhol. O uruguaio Fernando Aínsa é outro nome de destaque no cenário teórico-crítico atual, cujo abrangente estudo intitulado *Narrativa hispano-americana del siglo XX* (2003), dedica um capítulo à retomada dos principais elementos que caracterizam as narrativas que promovem a reescritura da história, por ele

denominadas “*nuevas novelas históricas*”, e já descritos por ele em um ensaio fundamental publicado em 1991.

A proposta da canadense Linda Hutcheon também é alvo de discussão, devido aos pontos de contato com as formulações dos estudos latino-americanos, ainda que seu recorte seja outro. Assim sendo, Weinhardt resume o capítulo da *Poética do pós-modernismo* (1991) dedicado à teorização da chamada metaficção historiográfica, assim denominada por Hutcheon para distinguir-se da ficção histórica por comportar uma aguda autoconsciência de seu processo de constituição.

Retornando ao universo dos estudos latino-americanos, o grande diferencial de *La nueva novela histórica de la América Latina: 1979-1992*, publicado em 1993 pelo crítico Seymour Menton, é o fato de incluir obras brasileiras em seu levantamento de 367 títulos considerados romances históricos. A autora faz uma elaborada resenha crítica do ensaio de Menton, destacando como ponto relevante o estabelecimento de seis traços como caracterizadores do Novo Romance Histórico e que não são necessariamente concomitantes.

A autora finaliza com as observações sobre “Trajetos de uma forma literária” (2007), do historiador Perry Anderson, que concluem o acurado panorama teórico-crítico traçado por Weinhardt, o qual passa a constituir-se em um texto de referência para os estudiosos do romance histórico.

Os capítulos seguintes do livro organizado por Marilene Weinhardt incluem análises específicas sobre obras da literatura brasileira, pertencentes a essa categoria ou sobre aspectos específicos da ficção histórica brasileira ou relacionadas com o Brasil. “Ficção histórica contemporânea: desdobramentos e deslocamentos”, de Naira Almeida Nascimento, o segundo ensaio, analisa as transformações do romance histórico a partir de dois elementos: a referencialidade e a questão temporal. Com base no pressuposto de que a ficção histórica mantém com o referente externo uma relação diversa da ficção em geral, tornam-se significativas a utilização de recursos expressivos como a *mise en abyme* e a inclusão de eixos temáticos como o fantástico.

“A história e os meios acomodados”, de Eunice de Moraes, elabora uma ponte temporal que liga a ficção contemporânea aos escritos seiscentistas de Bento Teixeira. O artigo desenvolve uma análise do romance *O primeiro brasileiro* (1995), de Gilberto Vilar de Carvalho, focalizando a relação entre os recursos narrativos, o modo de construção do romance e a percepção histórica demonstrada pela voz autoral, observando a eficiência e o significado da utilização destes recursos.

Já o ensaio “*Verdicto em Canudos*: circunstâncias de uma escrita”, de Edna da Silva Polese, focaliza a obra do escritor húngaro Sándor Márai, que registra sua versão sobre um acontecimento brasileiro de grande repercussão histórica: a campanha de Canudos. Sem nunca ter estado no Brasil e conhecendo o episódio a partir da tradução inglesa de *Os sertões*, o escritor transforma o próprio Euclides da Cunha em personagem ficcional. O ensaio analisa como Márai constrói a narrativa a partir da distorção do material já filtrado não só no cenário da historiografia, mas também da literatura, que é o caso de *Os Sertões*.

Em “Francisco(s) e Pedro(s), ficção e história (ou vice-versa)”, José Roberto Levon, embasado em capítulos de sua dissertação de mestrado intitulada “*Breviário das terras do Brasil e Um herege vai ao paraíso: literatura e micro-história em diálogo*” (2008), delinea um estudo de duas narrativas brasileiras contemporâneas representativas do novo romance histórico e da micro-história, dando destaque ao entrecruzamento de fronteiras entre estas escritas, à representação do homem anônimo e destituído de voz na historiografia tradicional, agora elevado à categoria de protagonista, e também às diferentes possibilidades de fruição dessas narrativas.

“Netto não perde sua alma”, de Renato França, promove o cotejamento entre o romance *Netto perde sua alma* (1995), de Tabajara Ruas, e o filme homônimo, uma codireção do próprio escritor e do cineasta Beto Souza. Apesar de concluir que o romance consegue ser mais fílmico que a transposição para o cinema, o estudo considera que as principais contradições representadas pela narrativa literária são preservadas pela adaptação, de forma que a ‘alma’ do romance se faz presente no filme.

Em todos os artigos presentes no livro, independentemente da opção conceitual dos autores, prevalece a reiteração da condição híbrida dos textos cujos autores reconhecem a existência de um lugar peculiar, onde ficção e história se encontram e, então, se torna possível e desejável percorrer os labirintos do ofício alheio, para compreender novas dimensões do trabalho principal de todos, a interpretação.

Data de recebimento 30 jul. 2013

Data de aprovação 30 jan. 2014